

FLORINDO PEIXOTO NETO

**De ratos a “Super-Homens”:
Nietzsche e o romance de Dyonélio Machado**

Trabalho temático sobre o livro “Os Ratos”, de Dyonelio Machado, objetivando a conclusão do segundo semestre do curso de Biblioteconomia e Ciência da Informação pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo.

São Paulo

2010

356. *O parasita.* – É indício de completa falta de nobreza alguém preferir viver na dependência, à custa de outros, apenas para não ter que trabalhar, e geralmente com secreta amargura em relação àqueles de que depende.

Nietzsche. Humano demasiado humano.

1. Introdução

O romance “Os Ratos”, de Dyonelio Machado, trata de “um dia na vida de Naziazeno”, um funcionário público que tenta conseguir 53 mil réis para pagar o leiteiro e não consegue correr atrás de um segundo trabalho para angariar este dinheiro extra. Um verdadeiro mergulho na deformada psiquê de uma pessoa que não consegue enxergar uma saída consistente para seu problema e por isso se apegar a devaneios, criados pelo seu desespero.

A situação de Naziazeno e de outros personagens de “Os Ratos” é degradada ao ponto de dar-nos esgares de revolta, mas vemos que toda esta situação deve-se a suas próprias atitudes ou, principalmente, pela falta delas.

Entretanto, Naziazeno vive em uma sociedade em que “democracia” é apenas o nome, atrás do qual tentam esconder todas as desigualdades sociais e de oportunidades. Ele não tem o conhecimento instrumental para mudar de vida e a sociedade oferece muito pouco para que ele consiga adquiri-lo. Assim sendo, como esperar que ele se levante se nem ao menos tem onde se apoiar?

2. Desenvolvimento

Não é somente para o leiteiro que Naziazeno deve dinheiro, várias outras personagens poderiam a qualquer momento bater em sua porta, para lhe pedir que saldasse uma dívida: como o médico que salvou seu filho da morte, o diretor do departamento onde trabalha, o sapateiro que está com o sapato de sua esposa e outros que também lhe emprestam dinheiro no decorrer do romance. Essa atitude demonstra a falta de austeridade do personagem, que prefere pedir a arranjar um trabalho extra, como mostrado em Machado "(...) Duque procederia doutro modo: cavar. É o que ele não sabe fazer. Parece-lhe mais digno pedir, exhibir uma pobreza honesta, sem expedientes, sem estratagemas." (2004, p.35). Esperar que uma pessoa que pense desta maneira consiga melhorar de vida é, no mínimo, romanesco.

Naziazeno é uma pessoa deveras acomodada; no decorrer de todo o livro ele se aflige por estar devendo dinheiro ao leiteiro, toda sua angústia é mostrada nas 197 páginas do livro. Porém, no romance também é mostrado o quanto ele deve para outras pessoas, e essas dívidas, mesmo aparecendo como fonte de preocupação, não assumem um papel tão importante na vida da personagem, quanto a dívida mais recente. Isso coloca o protagonista num patamar que pode ser comparado ao de um animal, que só se interessa pelo imediato; e sua angústia, como demonstração de preocupação, só serve para o separar dos irracionais.

O fato de não fazer o menor esforço para "cavar" o dinheiro demonstra sua tendência ao parasitismo social, e, como um verme, se mantém às custas das posses alheias, ao invés de trabalhar mais e tentar alcançar uma melhor posição social. Isso fica evidente no início do romance, quando ele cogita parar de dar leite ao filho, apenas por não se sentir seguro na obtenção do dinheiro, por meio do trabalho, para saldar a dívida; mas, mesmo assim, não abre mão de tomar um copo de leite que pagam a ele durante o dia, quando entra em um dos cafés da cidade a convite de um colega. Ainda mais decadente ele se mostra quando, ao observar as outras pessoas que andam pelo centro, atribui a elas uma certa displicência ao lidar com o dinheiro, quase afirmando que não deveriam possuí-lo, por não saberem dar-lhe o devido valor, e também ao criticar em pensamento seu chefe, que já o ajudou outras vezes, quando esse lhe diz não poder saldar as dívidas de outro, quando ele mesmo tem as dele.

Segundo Nietzsche (2008), o homem é uma ponte onde um dos extremos é o animal e o outro é o super homem. O primeiro pode ser representado pelas pessoas que transitam pela vida sem nada fazer, sem nada acrescentar, a não ser sua matéria putrefata que, mesmo em vida, ocupa espaço no mundo que poderia ser melhor utilizado; dentre estes cadáveres ambulantes, podemos situar Naziazeno. Já na outra ponta, o “super-homem” é ou deveria ser o objetivo, a ambição de todos, por se tratar de um estado em que a consciência atinge limites que permitem ao homem ser dono de seu destino. Como foi visto no romance, o protagonista, por sua falta de atitude, nem chega perto de enveredar por sobre a ponte, por estar mais perto de ser um animal, do que um homem.

Mesmo assim, não se pode culpar somente Naziazeno por todos os seus problemas, sejam eles pessoais, sociais ou comportamentais. Analisando os aspectos sociais de Porto Alegre, de 1930, num período em que o Brasil está tentando sair da crise do café e o capital está mudando das mãos dos fazendeiros para as dos comerciantes, mas continuando com as elites, vê-se que um dos grandes problemas do período foi o êxodo rural. Famílias inteiras se viram miseráveis de uma hora para a outra, por não terem mais trabalho no campo e, sem alternativa, tentaram a vida na cidade grande. Isso fez com que pessoas sem capacitação profissional vivessem à margem da sociedade. Assim se encontra Naziazeno que mesmo em suas lembranças de infância não encontra conforto, sua vida foi sofrida e marcada por dissabores impostos pela sociedade, que, além de rebaixar sua classe social, não cumpriu com seu dever de dar educação, saúde e trabalho. Deixando assim de fornecer os conhecimentos e condições básicas para que pudesse ter oportunidades iguais aos demais membros da sociedade.

3.Conclusão

A partir disso, é demonstrado que Naziazeno não consegue ter atitudes que melhorem sua atual situação social e de sua família. Sua maneira de agir o coloca em dependência de pessoas com mais conhecimento e melhor atitude para enfrentar a vida nestas cidades injustas, deflagradas pelo Romance de Dyonélio Machado, que transmutam os ex-trabalhadores rurais e seus descendentes em ratos esgueirando e roendo o pouco que conseguem. Mas como a sociedade não deu ferramentas para que ele pudesse melhorar suas escolhas, não podemos culpá-lo. Não é por falta de caráter que ele age desta maneira, mas sim por falta de conhecimento e opção. Assim, enquanto a sociedade não der base para as pessoas conseguirem se sustentar, não se pode esperar que elas se tornem os “Super-Homens” de que fala Nietzsche.

Referências

MACHADO, D. **Os ratos**. São Paulo: Planeta, 2004.

NIETZSKE, F. **Assim falava Zaratustra**. São Paulo: escala, 2008. (Coleção Grandes obras do pensamento universal).

_____. **Humano demasiado humano**. São Paulo: Companhia de bolso, 2009.